

NAZISMO, COLONIALISMO E AS VICISSITUDES DO NACIONALISMO SUPREMACISTA ESTADUNIDENSE: UM ESTUDO A PARTIR DO ROCK FASCISTA

Nazism, colonialism and the vicissitudes of American supremacist nationalism: a study based on fascist rock

Pedro Carvalho Oliveira¹

RESUMO

O presente artigo analisa o nazismo estadunidense a partir das aproximações entre o ideário nazista e o nacionalismo supremacista solidificado nos EUA ao longo do século XX, atentando para os discursos colonialistas manifestados pelos dois conjuntos de visões de mundo e como expressam idealizações genocidas para corroborar anseios nacionalistas de seus adeptos no presente. Como norteador do nosso exame, utilizaremos o pressuposto de que o nazismo e o nacionalismo supremacista estadunidense são projetados por perspectivas imperialistas, mesmo que estas encontrem-se hoje diluídas, indicando rupturas com o passado, mas também apresentando certas continuidades com ele. Ambos também são alçados à dimensão política por projetos racistas de nação. Para realizarmos nossa pesquisa, nos debruçamos sobre discursos musicais construídos por bandas estadunidenses pertencentes a um gênero musical denominado rock fascista, espaço de idealização dos fascismos e de difusão de suas ideias.

Palavras-chave: Nazismo; Estados Unidos; rock fascista.

¹ Doutor em História e Professor Adjunto do Colegiado de História da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Coordenador do Grupo de Estudos História do Tempo Presente, Política e Movimentos Sociais (Gehpmov-CNPq). E-mail: pedro.co@univasf.edu.br.

ABSTRACT

This article analyzes American Nazism based on the connections between Nazi ideology and the supremacist nationalism solidified in the 20th-century United States, focusing on the colonialist discourses manifested by both sets of worldviews and how they express genocidal idealizations to refer to the nationalist aspirations of their adherents in the present. As a guide for our analysis, we will use the assumption that Nazism and American supremacist nationalism are projected by imperialist perspectives, even if these are diluted, indicating ruptures with the past but also presenting certain continuities. Both are also elevated to the political dimension by racist national projects. To conduct our research, we focused on musical discourses constructed by American bands belonging to a musical genre called fascist rock, a space for the idealization of fascism and the dissemination of its ideas.

Palavras-chave: Nazism; United States; fascist rock.

Introdução

A conquista de territórios estrangeiros como justificativa para a defesa e prosperidade nacional esteve no cerne do colonialismo imperialista europeu ao longo do século XIX. Mobilizou sobremaneira os ímpetus expansionistas dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Foi a pedra de toque do “imperialismo informal” estadunidense, intensificado ainda no introyto do século XX. Atualmente, é um discurso evocado com frequência por líderes autoritários, como Vladimir Putin e Donald Trump, para os quais ampliar o escopo de dominação dos seus países é uma forma de reconectá-los com um passado grandioso, no qual formar impérios parecia uma regra para o crescimento e, conseqüentemente, a defesa da nação. Recentemente, a mesma ideia foi tema da música *Conquest for preservation*, da banda de rock fascista estadunidense *Heathen Hammer*.²

A referida música condensa noções de superioridade racial, particularmente a crença na supremacia da raça ariana, como justificativa

2 HEATHEN Hammer. *Conquest for preservation*. In: *White spirit – black mask*. Detroit: Resistance Records, 2017, faixa 02.

para incursões militares internacionais não apenas com o intuito de garantir a integridade dos brancos estadunidenses, alegadamente ameaçados por sanhas estrangeiras, mas também para permitir-lhes espalharem-se e, com eles, seus valores. Não obstante seja possível enxergarmos os paralelismos entre este posicionamento e o conceito de *Lebensraum*³ – sendo, portanto, plausível confirmarmos as associações da banda com o nazismo –, é também viável associarmos esta forma de pensar à doutrina do Destino Manifesto, tão presente no imaginário nacionalista estadunidense desde meados do século XIX. Embora as evidentes aproximações sejam inescapáveis, subsidiando um debate sobre a concomitância entre tipos diferentes de nacionalismo, deixemos esta discussão para uma outra oportunidade.

Por ora, vale sublinharmos como a destacada música sumariza a ideia de expansão territorial e dominação de outros povos abraçada pelo nazismo, uma continuidade do colonialismo por meio do qual as potências europeias buscavam controlar territórios e recursos para além de suas fronteiras, antes mesmo do Terceiro Reich surgir. A música corrobora com o pensamento nazista, que via (e ainda vê) o mundo através das lentes de uma hierarquia racial onde os arianos devem estar no topo e outros grupos étnicos, como eslavos, judeus, asiáticos e muitos povos africanos, para citarmos apenas alguns exemplos, sob os arianos. O assassinato em massa de pessoas em campos de extermínio teve essa premissa como guia. Essa visão era, inegavelmente, semelhante às preconizadas pelas hierarquias raciais estabelecidas durante o colonialismo do século retrasado.

Também se parece bastante com as percepções de um pseudointelectual estadunidense, cujas ideias tiveram impacto substancial nas subculturas nazistas ocidentais no começo do nosso século: David Lane. Inspirado em trechos de *Mein Kampf*, Lane forjou um dos mais reconhecidos lemas – *The Fourteen Words* – utilizados pelos nacionalistas brancos estadunidenses: *We must secure the existence of our people and a future for white children*.⁴ Na luta por esse projeto, Lane e a organização nazista da qual fazia parte, a *The Order*, defenderam o extermínio de povos não-brancos, estivessem eles localizados nos Estados Unidos ou não, para sustentar a prevalência da raça ariana. Desejavam uma guerra racial, da qual sairiam inexoravelmente vitoriosos, diziam.

A mesma perspectiva de guerra racial estava presente entre manifestantes que, em agosto de 2017, mesmo ano em que a música da

3 Conceito caro ao nazismo e que define a necessidade de expansão da Alemanha para o leste da Europa – destacadamente para a Rússia – como forma de garantir a existência de um espaço vital para a raça ariana.

4 “Temos que assegurar a existência de nosso povo e um futuro para as crianças brancas”.

Heathen Hammer foi lançada, se reuniram em uma praça pública na pequena Charlottesville, no estado da Virgínia, para protestar contra a remoção de uma estátua do herói da Guerra de Secessão, que atuara em defesa dos Estados Confederados do Sul, Robert E. Lee. Para os homens empunhando tochas e bandeiras nazistas, aos gritos de *judeus não vão nos substituir*⁵, a retirada do monumento era uma clara evidência da desapropriação cultural sofrida pelos brancos, concomitante ao crescimento de agendas comunistas, judaicas e negras, reunindo no mesmo bojo todos os seus inimigos. A resposta a essa desapropriação parecia ser a reconquista.

A música sobre a qual temos nos referido desde o início deste artigo é um documento por meio do qual podemos pensar a presença do nazismo em nosso tempo, 80 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial e da ditadura na Alemanha. Ela permite a sobrevida de um passado com o qual constantemente nos vemos obrigados a lidar: por um lado, a continuidade do nazismo e da doutrina centralmente responsável pela guerra; por outro, as premissas colonialistas e genocidas indissociáveis dela. Além disso, nos permite pensar como a doutrina nazista e o colonialismo conversam com certo tipo de nacionalismo estadunidense, num diálogo cheio de vicissitudes que nos convida a observar as aproximações e distanciamentos entre ambos. Este é o objetivo deste trabalho.

Para alcançá-lo, analisaremos músicas de bandas de rock fascista estadunidenses produzidas entre meados dos anos 1990 (quando começaram a se popularizar) e o início do século XXI, momento em que ocorre uma guinada dos EUA à ação militar para a preservação de seus interesses internacionais e da sua segurança nacional, a reboque do 11 de Setembro de 2001, culminando na “Guerra ao Terror”. O material investigado registra também as singularidades do nazismo estadunidense, suas correlações com a cultura do país e os meandros de sua colaboração com a edificação de noções nacionalistas próprias – mesmo que não isoladas. Destarte, começamos introduzindo o leitor ao gênero musical dentro do qual recolhemos o substrato desta pesquisa.

O rock fascista: lugar de idealização e difusão dos fascismos no presente

⁵ Ver Charlottesville: race and terror – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RIr-cB1sAN8I&t=28s>.

Desde o seu surgimento, em meados dos anos 1950, o rock é costumeiramente classificado como gênero musical afeito à rebeldia. A contestação de valores e comportamentos estabelecidos sempre foi lugar comum entre os precursores do rock, a começar pelo fato de Sister Rosetta Tharpe, Little Richard e Chuck Berry, creditados como mãe e pais desse tipo de música, serem pessoas negras a desafiarem normas em um país ainda larga e legislativamente segregado. Adequado e reconfigurado por uma indústria cultural predominantemente branca, o rock acabou associado a personalidades cuja cor da pele era mais aceita, como Elvis Presley e os Beatles. De qualquer forma, o comportamento transgressor permaneceu – sinalizando para o fato de que era mais fácil aceitar jovens brancos despertando os humores mais agitados dos seus pares, do que fazer concessões grandiosas aos negros no mercado da música em um país marcado pela segregação racial.

Nos anos 1960 e 1970, o rock de protesto consolidou a imagem do gênero como instrumento de luta social. Os *hippies* e os *punks*, cada quais à sua maneira, fizeram do rock uma arma para criticar a cultura burguesa ocidental. No afluxo disso, jovens skinheads britânicos, há muito marginalizados pela imprensa e caçados pela polícia, viram-se diante de uma boa oportunidade para difundir os pontos de vista de uma subcultura nascida no seio da classe operária, portanto esmagada pelos interesses da classe dominante (NAPOLITANDO, 2023). Sincronicamente, a extrema-direita britânica procurava se aproximar dos jovens para atrair eleitores, mas também galvanizar as frustrações de adolescentes pobres e convertê-las em ações públicas de intimidação contra seus adversários políticos.

Entra em cena o *National Front* (NF), organização dedicada a agrupar forças políticas de extrema-direita e alçá-las conjuntamente à arena política tradicional da Grã-Bretanha. Embora tenha surgido em 1967, o NF alcançou seu ápice no final da década de 1970, justamente quando os skinheads voltavam à cena entre uma juventude britânica cada vez mais desesperançosa. Nas palavras do romancista argentino Ernesto Sábato, em seu clássico “Sobre Heróis e Tumbas”, devemos perceber como “os pessimistas são recrutados entre os ex-esperançados”, pois para ter uma visão sombria do mundo “é necessário primeiro ter acreditado nele e em suas possibilidades”. Portanto, em 1979, quando ocorreram eleições gerais na Grã-Bretanha, representantes políticos ligados à organização receberam, ao todo, quase 200 mil votos, quantidade expressivamente maior do que partidos tradicionais britânicos. Naquela ocasião, o NF apoiava uma agenda política que, sob o lema *Make Britain Great Again*, pautava a repatriação de imigrantes, a redução de seus direitos sociais e políticas voltadas exclusivamente para os britânicos. Além disso, defendia a redução de instrumentos democratizantes e a atuação de

um Estado autoritário, que controlasse com mãos de ferro os destinos da população (TAYLOR, 1982).

Qual era o segredo do sucesso do NF? No final dos anos 1970, a Europa recebia um intenso fluxo de imigrantes oriundos das antigas colônias antes pertencentes aos velhos impérios do continente. Esse processo não era novo, mas certamente cresceu e foi potencializado pela crise econômica internacional principiada no setor petrolífero, ocasionando um abalo sísmico de grandes proporções no capitalismo internacional (HOBSBAWM, 1995). Além disso, a frustração com a ruína dos antigos impérios levou diversos britânicos a defenderem a preservação do status imperialista do país. Aos montes, paquistaneses, indianos, jamaicanos, entre muitos outros imigrantes, adentravam países que durante muito tempo estiveram acostumados a ocupar territórios, não a serem ocupados por estrangeiros – especialmente pelos mais pobres.

A Grã-Bretanha foi uma das regiões preferidas por esses imigrantes. E esse fato levou ao estabelecimento de uma ofensiva organizada contra a presença dos imigrantes pobres, na qual o NF teve um papel preponderante. Os discursos autoritários do NF eram atraentes tanto para a classe dominante quanto para o proletariado britânico. A classe dominante, como era de costume em épocas de crise econômica, sentia-se mais inclinada a apoiar agendas autoritárias e, naquelas circunstâncias, até mesmo neofascistas para garantir a proteção de seus privilégios. Grande parte da classe operária, frustrada pelo desemprego estrutural, se convenceu dos argumentos da NF de que a presença massiva de imigrantes pobres gerava um enorme contingente de mão de obra barata, o que no passado era visto com bons olhos, pois os imigrantes assumiam funções antes rejeitadas pelos britânicos; mas, naquele contexto de vulnerabilidade econômica e de escassez de empregos, era visto como competição injusta (PAXTON, 2007).

É sabido que o NF não aceitava em suas fileiras membros e representantes políticos que não fossem brancos. Também foi um aberto crítico às análises históricas do pós-guerra sobre o Holocausto, abraçando formulações pseudointelectuais revisionistas, intencionadas em questionar a veracidade do assassinato sistemático de judeus e de outros inimigos do nazismo em campos de extermínio. Apesar disso, o NF negava ser uma organização neofascista, creditando à mídia e a seus adversários a existência desse rótulo. Seus líderes costumavam dizer que os fascismos eram coisa do passado e que não faziam mais sentido naquela quadra histórica. Contudo, a organização insistia no discurso de que a presença de imigrantes maculava a cultura europeia branca e gerava tensões, cujo desfecho poderia ser uma inevitável guerra civil (THURLOW, 1987).

Um jovem skinhead chamado Ian Stuart Donaldson, líder da banda skinhead *Skrewdriver*, foi atraído pelo discurso nacionalista do NF e se tornou membro da ala jovem da organização, se destacando como personalidade ativa e inspiradora para outros garotos da classe operária. Sua banda passou a participar de comícios da organização, até ser banida por utilizar abertamente símbolos típicos do nazismo, como a suástica. Para o NF, isso comprometia seus esforços em se afastar da imagem do fascismo como forma de evitar a dispersão do eleitorado. Em resposta, Donaldson criou a *Blood & Honour*, organização dedicada a estabelecer um movimento político radical nazista, dentro do qual a música tinha uma importância vital (OLIVEIRA, 2018).

Segundo relatório publicado pela *Southern Poverty Law Center*⁶, uma das mais respeitadas organizações não-governamentais estadunidenses engajadas no mapeamento de grupos extremistas locais, os primeiros skinheads fascistas estadunidenses apareceram em meados dos anos 1980, no sul do país. A presença fátua de organizações racistas como a Ku Klux Klan, bem como de marcas mais profundas da segregação racial na cultura sulista – onde alguns estados, até meados dos anos 1960, ainda preservavam institucionalmente o regime segregacionista –, pode ter fertilizado o terreno para o desembarque da subcultura skinhead fascista naquela região do país. Vale destacarmos que com o crescimento da popularidade do nazismo na Europa durante os anos 1930, a Ku Klux Klan passou a demonstrar publicamente sua simpatia por esta visão de mundo, incorporando símbolos nazistas e a própria saudação com o braço esticado aos seus rituais (NELSON, 1993).

Estima-se que o crescimento dos skinheads fascistas nos EUA deu-se na década de 1990, período no qual a maior parte do material por nós analisado foi produzido. As poucas células existentes até então eram desorganizadas, até que grupos como a *White Aryan Resistance (WAR)*, que já possuía certa notoriedade entre os supremacistas estadunidenses, promoveram os primeiros esforços em organizá-las e dar-lhes um sentido político mais coeso. Por volta de 1988, a *WAR* tornou-se um lugar de convergência dos fascistas estadunidenses e a promoção do primeiro festival de música fascista do país, o *Aryan Fest*, realizado em Oklahoma, contribuiu solidamente para isto (OLIVEIRA, 2018).

Outra organização estadunidense sem fins lucrativos, a *Anti-Defamation League*⁷, revelou em um relatório denominado *Racist Skinhead*

6 POTOK, Mark. *Racist skinheads: Understanding the threat*. Alabama: SPLC Publications, 2012.

7 Ver “Racist Skinhead Project: California” – Disponível em http://archive.adl.org/racist_skinheads/states/california.html. Último acesso em 17 de mar. 2025.

Project que movimentos de relevância como o *Berdoo Skinheads* e a *The Order*, de David Lane, ambos situados na Califórnia, eram grandes protagonistas do ideário nacional-socialista no país. Mas, eles não eram os únicos. A *Aryan Nations*⁸ era uma das mais tradicionais organizações políticas racistas dos EUA desde os anos 1970. Fundada por Richard Butler, tinha como objetivo o afastamento de todas as raças não-brancas dos EUA, unindo discurso político a ações paramilitares de conotação nazista (BARKUN, 1994). Todas estas organizações tiveram em suas fileiras membros de bandas de rock fascista, ou algum tipo de aproximação com essas bandas.

Em suma, o rock fascista é um gênero musical cheio de subgêneros, cujas sonoridades e preferências temáticas podem variar. Contudo, a centralidade das visões de mundo fascistas é um fundamento que acompanha suas variações. Trata-se de um lugar de idealização e difusão dessas visões de mundo, que permite a sobrevivência dos fascismos e sua presença em nosso tempo. Nesse processo, há rupturas e continuidades entre os fascismos de hoje e os do passado, mesmo que a essência ideológica seja preservada. O rock fascista nos ajuda a observar isto. Nos EUA, o gênero ganhou contornos próprios, os quais começaremos a esmiuçar mais detidamente a seguir.

O flerte dos estadunidenses com o nazismo: diálogos possíveis

Até os acontecimentos transcorridos em Charlottesville no ano de 2017, a maior manifestação pública de orientação fascista ocorrida nos EUA havia sido o comício da *German American Bund*, em Nova York, no mês de fevereiro de 1939. Naquela ocasião, cerca de 20 mil pessoas se reuniram na Madison Square Garden para ouvir Gerhard Wilhelm Kunz, secretário de relações públicas da organização, manifestar seu apoio a Adolf Hitler em seus intentos imperialistas de conquista da Europa, afirmando se tratar de

8 Para os propósitos de nossa discussão, é válido darmos alguma atenção à *Aryan Nations*. Parte de um movimento pelo estabelecimento de uma identidade cristã, a organização se amparava nos sermões de Wesley A. Swift, pastor da Carolina do Sul que desde os anos 1940 difundia a ideia de que o cristianismo era uma manifestação da pureza da raça branca. Por essa razão, combater a existência de “outras raças” era uma forma de disseminar o cristianismo. Ao mesmo tempo, para que isso se efetivasse era necessário subjugar, mesmo com a força das armas, nações dominadas por outras raças e outras doutrinas. No começo do século XXI, a *Aryan Nations* foi classificada pelo FBI como grupo terrorista (LEVITAS, 2002).

motivo para grande esperança entre os brancos ocidentais. Na manifestação, o presidente dos EUA Franklin D. Roosevelt foi duramente criticado por transparecer sua contrariedade com os nazistas, sendo também acusado de conchavos com banqueiros judeus e por defender comunistas. Para os membros da organização, Roosevelt havia atirado os EUA a uma teia de dominação judaica e bolchevique (BELL, 1970). A aderência significativa de parte dos estadunidenses ao nazismo não é um fenômeno recente.

É mister esclarecermos que quando nos referimos a nazismo estadunidense, estamos a tratar da forma como essa visão de mundo e comportamento político ganhou corpo nos EUA. Naquele país, o nazismo é marcado pela cultura nacional na qual encontrou aderência com certo imediatismo, embora as circunstâncias contextuais tenham exigido alguma adaptação. Por exemplo, o discurso de supremacia racial nazista caminhou alinhadamente e colaborou com as estruturas racistas já presentes em um país notoriamente segregado. Simultaneamente, os nazistas estadunidenses atacaram também a população negra em suas ações, não se limitando aos judeus. A razão é óbvia, mas não custa ser delineada: ao contrário da Alemanha, a presença de pessoas negras era substancial nos EUA e isso tornava presente um passado marcado pela escravidão, portanto gerador de tensões. Sob rigorosas leis implementadas em diferentes dimensões da vida social, os negros estadunidenses já eram, antes do nazismo, alvos constantes da população branca.

Em 1995, um homem chamado Naseer Ghani, de ascendência árabe, teria matado um skinhead supremacista nos EUA e, apesar do crime, não foi condenado com a pena máxima pela justiça. Esse é o tema da música *Naseer Ghani*, da banda *The Voice*, lançada em 1996 no álbum *Rage*. Na contracapa do disco é possível ler a palavra *14 Words* abaixo da lista com os nomes das dezesseis músicas nele contidas. Um trecho da mencionada canção diz: “Chegou a hora de fazermos justiça com nossas próprias mãos/E mostrar a esses pretos que essa é a nossa nação/Chegou a hora da nossa vingança/Por todo o sangue dos homens brancos já derramado”.⁹ Apesar de o racismo ser prosaico nos EUA, o discurso da música revela certas nuances do tipo de racismo ali praticado.

O discurso sugere que a nação estadunidense é uma exclusividade dos brancos. Logo, o conceito de nação ideal é determinado por elementos raciais. É a perpetuação da crença colonialista na superioridade racial e cultural, cujo arcabouço ideológico afirmava que os europeus e seus descendentes diretos

9 VOICE, The. Naseer Ghani. In: *Rage*. St. Paul: Tri-State Terror, 1996, faixa 07. Tradução nossa.

tinham o direito e o dever de civilizar povos considerados “inferiores”. Isto foi o motor da colonização imperialista no século XIX (FERO, 2017). E se os EUA foram fundados por europeus, entre os quais essa crença remontava ao século XV, durante o afluxo das estratégias de dominação colonial da expansão ultramarina, a cultura do país possuía, desde a sua fundação, o germe de uma cultura da superioridade racial (HORNE, 1999).

A mesma crença é verificável no nazismo, evidentemente. Para os compositores da aludida música, o nazismo é uma visão de mundo que se soma a uma outra já presente na mentalidade estadunidense, constantemente evocada em discursos racistas. Nesse sentido, o que vemos no desejo de vendeta racial expresso no trecho é indício de uma inteligência colonialista doméstica. No caso, a música desenha um cenário de tensões internas causadas pelo contato entre diferentes raças e resultando em prejuízos para os brancos. Com isso, a grandeza racial não pode ser efetivada devido à presença do elemento considerado estranho a um padrão cultural e racial desejado.

Se assegurar a homogeneidade racial é visto como indispensável para determinar a força nacional, esta deve servir para subjugar e destruir o inimigo. A música *Our voice is stronger*, da banda *Bound for Glory* – uma das mais antigas dos EUA –, traduz isto nas seguintes palavras: “Se morrermos, não será em vão/Ninguém será esquecido/Mas quando os inimigos se forem, ninguém saberá seus nomes”. Há uma clara narrativa simpática a um tipo de enfrentamento que muito lembra um combate, talvez uma guerra, na qual inimigos se enfrentarão e inevitavelmente haverá perdas – portanto, nada que fuja ao ideário belicista típico dos fascismos (PAXTON, 2007).

A música segue: “Eu não descansarei até que destrua o complô maligno/E recupere de vez a força e a liberdade pelas quais lutei/E no final não iremos nos curvar/A nossa força irá conquistar e destruir seus territórios e suas mentiras”.¹⁰ A qual complô maligno a banda se refere, nós não sabemos. É possível que a banda tenha imaginado uma conspiração articulada por um de seus incontáveis inimigos, prática comum aos fascistas e especialmente aos nazistas, para os quais o conspiracionismo é sempre um dispositivo para estabelecer cenários de perigo iminente que justifiquem a ação militar (BERTONHA, 2008). Se há dúvidas sobre o alinhamento da banda com o nazismo, devemos destacar que a capa do disco no qual a música supracitada aparece é ilustrada por um solado da *Hitlerjugend*, orgulhosamente empunhando a bandeira da instituição. Seja como for, é contundente a presença de um discurso para o qual a conquista de um território é consequência da

10 BOUND for Glory. Our voice is stronger. In: The fight goes on. Ontario: Resistance Records, 1994, faixa 06. Tradução nossa.

vitória em um confronto.

Como já foi destacado, havia no nazismo dos anos 1930 e 40 um culto ao expansionismo, prática cara ao imperialismo. Essa expansão foi a causadora da Segunda Guerra Mundial e esse culto era fundamentado na guerra, único caminho para a prevalência das nações mais fortes sobre as mais fracas, segundo a perspectiva nazista. As nações mais fracas, como consequência do processo, deveriam ser ocupadas e exploradas conforme as necessidades do centro de poder dominante. Porém, naquela conjuntura as vítimas não eram mais países fora do continente europeu, mas nações consideradas bastiões da civilização moderna, como a França e a Inglaterra. Portanto, “o que estava em risco nessa luta não era só o futuro doméstico” dos alvos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, “ou a guerra e a paz de um modo geral, mas a defesa das nações” (HOBSBAWM, 2011, p. 164) e de suas soberanias. Corremos o risco de incorrer em uma suposição infundada, mas o discurso da mencionada música, proferido em um momento de intenso fortalecimento dos valores estadunidenses para firmar as conquistas sobre o comunismo nos primeiros anos após o ocaso da Guerra Fria, não parece despropositado: a música é datada de 1994.

Além disso, há mais. O discurso é sombreado pela recente Guerra do Golfo (1990-1991), para a qual houve uma justificativa bastante defendida pelo governo estadunidense: a proteção de “nações amigas” atacadas por um inimigo constantemente descrito como bárbaro e incivilizado. Durante o conflito, marcado pela ameaça iraquiana a uma robusta reserva petrolífera até então sob controle de parceiros estadunidenses, telejornais e a imprensa de um modo geral enfatizaram como a guerra era, também, uma forma de defender princípios democráticos e valores caros ao povo dos EUA (FREEDMAN; KARSH, 1993).

Tanto Klaus Hildebrand (1973) quanto Andreas Hillgruber (1981), entre outros investigadores, concordam que os alemães se interessavam pelo Leste da Europa antes mesmo dos nazistas assenhorearem-se do poder. E embora os propósitos de longo prazo dos nazistas fossem capitaneados por uma orientação racista proeminente, distanciando-se das posturas pregressas dos alemães quanto às suas políticas exteriores, a conversão da Alemanha em nação de proporções continentais povoava a mentalidade dos estrategistas germânicos desde muito antes. Isto é um fato, apesar de podermos problematizar as afirmações dos autores acima enunciados sobre os nazistas terem um plano plenamente definido de conquista e expansão global herdado de seus antecessores.

Talvez o ponto distintivo fundamental entre o colonialismo praticado antes e depois do nazismo seja a forma como os nazistas levaram

a lógica da superioridade racial e da expansão territorial a um extremo sem precedentes dentro da Europa. Este fato indubitavelmente levou o mundo à Segunda Guerra Mundial, à qual o Holocausto se coadunou para caracterizar um processo histórico exemplar à compreensão da falta de limites ideológicos colonialistas, potencializada pelos nazistas. O Holocausto emerge como ilustrativo do desenvolvimento colonialista e de sua adesão a um projeto nacionalista expansionista. Uma das marcas de seu processo de desenvolvimento é certamente a aparência industrial que teve.

Como é sabido, o regime nazista implementou políticas de genocídio, escravidão e exploração econômica em territórios ocupados, mormente no Leste da Europa. Essas práticas têm paralelos evidentes com as violências perpetradas pelos impérios europeus durante o século XIX. Exemplo disto é o genocídio dos Herero e Nama, na Namíbia, praticado pelas forças coloniais alemãs ainda no alvorecer do século XX. A lógica brutal e as políticas de segregação racial implementadas nas colônias alemãs são claros precedentes para as políticas nazistas, cuja referência era, em parte, esse passado recente. Não podemos esquecer que os campos de concentração arquitetados pelos nazistas têm semelhanças gritantes com os campos de trabalho forçado e extermínio comuns nas colônias antes mesmo do processo de criação da política de extermínio pelos nazistas (WISTRICH, 2002).

Para entendermos o nazismo, é necessário compreendermos que imperialismo, guerra e genocídio são indissociáveis de seu ideário. A ideia de “guerra total”, uma guerra para acabar com todas as guerras eliminando totalmente o inimigo por meio dos esforços gerados pelo envolvimento total da nação (AGOSTINO, 2004), é cervical para o nazismo e está na gênese da Solução Final, sendo o elemento aglutinador do nacionalismo nazista. Se o pangermanismo foi a pedra fundamental do antijudaísmo nazista, mobilizando forças nacionalistas para fortalecer a eliminação dos judeus, seu combustível era a convicção no estabelecimento de um império condizente com a pretensa grandeza da raça ariana da qual os alemães faziam parte.

A construção desse império necessitava, como já vimos, de um espaço vital. Para ele existir, uma mentalidade colonialista, embasada no extermínio das “raças inferiores”, foi crucial (SCHLEE, 2002). Conversa com essa perspectiva a música *Fire up the ovens*, da banda *Bully Boys*, lançada em 1999: “A guerra final se aproxima rapidamente/Pagarão por todos os seus crimes de uma só vez”. Quem pagará? Em breve saberemos. Antes, vale sublinharmos a assídua ideia de uma guerra final da qual, pelo que podemos auferir, a derrota de um inimigo estabelecido é sempre iminente, garantindo, portanto, a vitória do nazismo – visão de mundo à qual os compositores se associam. Como é possível atestarmos isto? Vamos adiante.

A música segue dizendo: “Acenderemos os fornos, faremos tudo novamente/Não deixaremos pedra sobre pedra/Queimaremos até o último judeu”.¹¹ A referência aos fornos, nos quais os corpos de milhões de judeus foram eliminados durante o Holocausto, nos coloca diante de ao menos duas conclusões possíveis. Primeira e mais óbvia: os compositores, membros da banda, são nazistas e desejam a repetição do que os nazistas do passado fizeram contra seus inimigos. Segunda: os compositores não são nazistas, apenas antijudeus que buscaram numa referência máxima da violência contra os judeus uma forma de atacá-los. Para nós, a primeira conclusão é a mais apropriada, pois a banda possui uma discografia na qual discursos e símbolos nazistas aparecem destacadamente. Além disso, não pode ser coincidência o disco acima citado ter sido lançado por um selo chamado *Panzerfaust*¹² Records.

O ódio nazista contra os judeus não se originava em uma contenda religiosa, tampouco meramente cultural. Era proveniente da convicção de que os judeus compunham uma raça degenerada, desprovida de nação e parasitária; portanto, o oposto do que os alemães idealizavam sobre a raça ariana. Uma vez que os fascistas de cada sociedade designam seus próprios “inimigos objetivos”, é claro que “o judeu pode ser o outro conveniente por excelência em uma sociedade com grande número de judeus, cultos e ativos politicamente” (TEIXEIRA DA SILVA, 2014, p. 33), como era o caso não apenas da Alemanha nos anos 1930, mas dos EUA ao longo do século XX. No caso dos EUA, os negros têm sido “o outro conveniente” (GAY, 1995) mais alvejado em ataques racistas desde o fim da escravidão, embora não seja o único.

Se por um lado o ódio racial aos judeus é marcante, por outro o ódio aos árabes muçulmanos emerge para manifestar um tipo de intolerância triplamente qualificado. Primeiro, pela incompatibilidade entre uma cultura fortemente cristianizada e o islamismo. Depois, pelo histórico embate cultural, político e militar entre EUA e o chamado “mundo árabe”, longamente estigmatizado pelos estadunidenses como centro nevrálgico da resistência incivilizada (MUNHOZ; SOUZA, 2012). Por fim, pelo ódio nazista ao que não é branco. Além do mais, embora os nazistas consigam, em alguns casos, aproximarem-se dos muçulmanos antijudeus – como fica claro no caso europeu, onde muitos neonazistas manifestam apoio à causa antijudaica de alguns movimentos árabes (SALAS, 2006) -, nos EUA do pós-

11 BULLY Boys. Fire up the ovens. In: Best of Bully Boys – 1984-1999. Minnessota: Panzerfaust Records, 1999, faixa 01. Tradução nossa.

12 Arma alemã criada pelos nazistas e vastamente utilizada na Segunda Guerra Mundial. Era um importante instrumento de ataque aos carros de combate soviéticos.

11 de setembro de 2001 isso parece ter se tornado impraticável (se é que algum dia foi possível).

Meses depois dos atentados ao *World Trade Center*, a banda *Angry Aryans* lançou a música *Islam, religion of whores*, no disco *Old school hate*. A sua letra diz: “Vocês odeiam os judeus, mas são iguais a eles/Povo de pele escura e herança inferior/Vocês ficam de quatro para adorar aos seus deuses/ No chão, seu cão árabe fétido”.¹³ O discurso reforça a crença equivocada de que todos os árabes são muçulmanos e odeiam judeus. Comparam os árabes aos judeus em termos do que significam para os nazistas. Ressaltam a ideia de superioridade racial enquanto atacam os ritos religiosos islâmicos, denotando desprezo pela cultura alheia. Ao desumanizarem os árabes, procedem no sentido de engrossar o coro dos que após o 11 de setembro de 2001 passaram a atacar generalizadamente os árabes e muçulmanos, fossem eles residentes dos EUA ou não.

Enquanto nos EUA se alastrava um anti-islamismo visceral, o governo de George W. Bush catapultou as forças militares do país ao Afeganistão em busca de Osama Bin Laden e membros da Al Qaeda, para depois investir contra o Iraque de Saddam Hussein, onde acreditava ser um centro difusor de armas de destruição em massa. A Guerra do Iraque, a posterior captura de Hussein e sua execução, além da ocupação de Bagdá pelos EUA durante anos, foram respaldadas por uma população entusiasmada pela guerra e movida por um nacionalismo fervoroso capitalizado pela Casa Branca (MUNHOZ; SOUZA, 2012).

Tencionamos termos deixado claro até aqui como nazismo, imperialismo e colonialismo se articulam e resultam nas premissas genocidas do Holocausto e belicosas da guerra, atualmente expressas na violência urbana e militar. Para o nazismo, o discurso colonialista é inequívoco e se manifesta no racismo e em um ufanismo corriqueiro entre os nacionalistas. Nos EUA, como vimos, os nazistas do tempo posterior ao da guerra seguem o roteiro dos fascismos tradicionais, incorporando elementos mais presentes na cultura estadunidense ao corolário nazista. Cabe, a partir deste ponto, buscarmos mais profundamente as influências da cultura estadunidense no nazismo praticado nos EUA, almejando o resultado de uma equação que nos permita enxergar aproximações e distanciamentos mais acuradamente.

13 ANGRY Aryans. *Islam, religion of whores*. In: *Old school hate*. Hillsboro: Resistance Records, 2001, faixa 14.

As profundezas de um terreno fértil sobre onde floresceu o nazismo nos EUA

É preciso enfatizar que a política externa estadunidense possui uma longa tradição intervencionista pouco detida por entraves morais, sintetizada na fala do ex-secretário de Estado Dean Acheson ao afirmar que “a pertinência de uma resposta americana a um desafio lançado a seu poder, a sua posição e ao seu prestígio não pode ser puramente legal” (ACHERSON, 1962 apud FERRO, 2017, p. 79). A pressuposta ilegalidade de ações militares estrangeiras estadunidenses precisa ser interpretada sob a perspectiva de Gerald Horne (1999, p. 303), que recomenda acertadamente: “não se pode começar a entender a política estrangeira dos EUA” no século XX “sem contemplar a raça e o racismo”. Igualmente, “não se pode começar a entender a diminuição e o aumento da importância da raça e do racismo nessa nação sem contemplar um contexto global”. Isto significa que a cultura branca estadunidense, construída e mantida em âmbito interno e externo, criou barreiras à participação de outras etnias na vida política e social devido à presença do racismo em suas bases e à longevidade da segregação racial no país. O discurso de uma constante ameaça à hegemonia branca representada por outras raças está no cerne da cultura estadunidense, em consonância com o que vemos no nazismo.

Não desejamos, de forma alguma, incorrer no erro de categorizar genericamente a cultura estadunidense como idêntica à cultura política nazista. Tampouco intencionamos dizer que os estadunidenses são todos racistas radicais, pois a sua cultura está lastreada em fundamentos racistas. Nosso propósito é ressaltar os elementos que permitiram o nazismo penetrar a cultura estadunidense e crescer dentro dela de forma singular. Isto posto, é possível localizarmos as semelhanças entre um ideário imperialista estadunidense e nazista, sobretudo porque, como vimos, parece existir uma histórica falta de pudores entre os governantes estadunidense em intervir fora de seus limites territoriais quando as elites brancas se veem ameaçadas, situação para a qual a resposta tem sido, não raramente, intervenções militares constantes.

Prestemos atenção ao que diz a música *Asian invasion*, da banda *Angry Aryans*, lançada em 1999: “Há uma invasão acontecendo/ Uma invasão lenta da raça amarela”. Notem que a ameaça invasora não é apenas um estrangeiro, mas pertence a uma raça destacada. Continuando: “Esses nipônicos de olhos puxados, que não podem viver sem arroz”. É pontuado um estereótipo, a fim de reforçar comportamentos repetitivos que removem dos sujeitos qualquer complexidade humana. Em seguida: “Eles vêm da Terra

do Sol Nascente/Ei, homem branco, você está nessa?/Precisamos invadir antes de sermos invadidos”.¹⁴

É outra vez necessário trazermos as contribuições de Horne (1999) ao debate. Ele nos lembra que ao vencer a Rússia em 1905 na Guerra Russo-Japonesa, os japoneses levantaram dúvidas nos ocidentais sobre sua pretensa superioridade. Afinal, uma nação asiática havia derrotado um império europeu branco e de grande envergadura. Outra vez, em 1941, em decorrência do ataque ao porto de Pearl Harbor, fato diretamente responsável por envolver os EUA na Segunda Guerra Mundial, essa mesma dúvida voltou à baila. Não obstante, os EUA, ao encerrarem o conflito internacional como uma das grandes potências globais, se projetaram como bastião da defesa de uma cultura ocidental, que na verdade era uma consubstanciação de sua própria cultura com certos fragmentos da cultura do Oeste europeu. Vale recobrar que o Japão foi duramente impactado por isso.

As bases dessa mentalidade tão difundida ao longo do pós-guerra foram construídas com a colaboração de intelectuais como Samuel Huntington (1997), que por meio de sua teoria do choque de civilizações operava com a noção de decadência do Ocidente como fruto das ações orientais. Tanto ele quanto Bernard Lewis (1990) inverteram e distorceram o sentido de choque de civilizações originado no pós-guerra por Arnold Toynbe (1961). Em *Who we are?* (2004), Huntington assume um discurso claramente afeito à defesa da cultura étnica branca, professando opiniões cristãs conservadoras e resgatando as raízes anglo-saxônicas como referências culturais para um presente fragmentado.

Muito antes das contribuições de Huntington (2004) e de seus pares, a cultura estadunidense já se amparava eminentemente em sustentáculos como a doutrina do Destino Manifesto. Essa doutrina motorizou a expansão colonial interna estadunidense no século XIX, em especial durante a corrida para o Oeste. Em consonância com as concepções nacionalistas europeias, o Destino Manifesto expressava a crença no processo colonizador estadunidense como instrumento civilizatório, pois aquele povo havia sido designado por Deus para levar aos “selvagens” a disciplina e a moral. Com isso, a doutrina, incrementada por premissas religiosas e raciais, ressaltava as virtudes do povo estadunidense na construção de instituições e sociedades avançadas, o que gerava um “fardo necessário”: conquistar territórios para garantir, por meio da colonização, a redenção dos povos não brancos e não cristãos mesmo que isso custasse vidas brancas, em nome da modernização

14 ANGRY Aryans. Asian invasion. In: *Racially Motivated Violence*. Detroit: Tri-State Terror, 1999, faixa 05. Tradução nossa.

(MORRISON, 1997).

Na longa história das relações entre, primeiro, os EUA e a América Latina, e, posteriormente, os EUA e outras nações do globo, as intervenções militares, políticas e culturais são flagrantes. Isto somente foi possível devido à existência de consensos internos, sobre os quais o Estado se sustentava para agir em defesa de valores benéficos à própria segurança dos ideais estadunidenses. Com isto, sob a justificativa de civilizar os “selvagens” (fossem eles, inicialmente, os indígenas norte-americanos, ou, posteriormente, os árabes) e proteger o que diziam ser democracias liberais (fosse no Brasil em 1964 ou no Chile em 1973), os EUA atuaram além dos seus limites políticos para impor a outras nações as suas vontades e a universalização de seus valores. Um comportamento imperialista moderno, que embora distinto do praticado pelos velhos impérios europeus no século XIX expressa a necessidade estadunidense de uma centralidade política internacional.

Não é de se admirar que uma nação erigida sobre esses princípios os tenha denotado destacadamente em seu comportamento no cenário global. Parte da doutrina do Destino Manifesto se lastreia na convicção de que a expansão civilizatória não somente garante a satisfação dos desígnios de Deus dos quais os EUA estão imbuídos, mas também garante a salvaguarda da cultura branca estadunidense, um povo que se compreende historicamente como socialmente superior (MORRISON, 1997). De forma compatível, na Alemanha nazista predominava a ideia de que o povo germânico, embora definitivamente superior aos outros povos, “estava em perigo mortal de desintegração. Por essa razão, a pureza do seu sangue necessitava ser preservada, o que significava, sobretudo, a eliminação da influência judaica” (LAQUEUR, 1996, p. 24). Para que isso fosse garantido, a Alemanha precisava impor a ampliação do escopo de sua influência internacional e de seu espaço vital (CLAY, 1995).

Portanto, podemos dizer seguramente que a convicção na necessidade de um ímpeto colonialista, tanto por parte da doutrina do Destino Manifesto, quanto por parte do imperialismo nazista, é forjada na autocompreensão nacionalista das nações como dotadas de uma superioridade natural. Outrossim, proteger a nação é garantir a possibilidade de sucesso expansionista. Está na essência dos fascismos a contraditória percepção da nação como superior e imponente, ao mesmo tempo que ameaçada por um inimigo inferior, mas tão imoral que é capaz de tudo para alcançar seus intentos (KONDER, 2009). Algo disso se imprime na letra da música *North side of eight mile*, da banda *Angry Aryans*: “Houve um tempo em que Detroit era comandada por brancos/Agora temos um bando de negros reclamando seus direitos/O que houve com os dias de progresso Euro-Americano?/Agora

não resta nada além de retrocesso africano”.

A reclamação dos negros por direitos é vista como uma afronta, algo inaceitável. Isto pressupõe o desejo de participação na vida política da comunidade e, caso tais direitos sejam garantidos, deve haver uma diversidade maior na tomada de decisões. Um certo “progresso Euro-Americano”, elo de conexão com a história dos imigrantes brancos que fundaram os EUA, parece ameaçado pelo retrocesso supostamente causado pela disseminação da cultura negra. Não podemos escapar a uma conclusão óbvia: para os compositores da música, dividir espaço com o “outro” – aqui representado pelo negro – é um sinal de fragilidade nacional.

Seguimos pela música: “Nós demandamos as nossas bases de volta/Vamos retomar o nosso país/Vamos cobrir esses macacos com nossas chicotadas”. A ideia de retomada sugere a ocorrência de um vilipêndio. Como se a população negra, em um país historicamente segregado, realmente dispusesse de condições para obter o tipo de controle que a música sugere existir. A prática colonialista é subvertida para ganhar a aparência de rebeldia. A menção à chicotada como forma de ataque é simbólica, e evidentemente se refere às torturas sofridas pelos africanos escravizados e levados ao país no passado. Da mesma maneira, a referência ao macaco é um comportamento típico do racismo contra os negros. O trecho da música se encerra dizendo: “Não precisamos fugir, não precisamos correr/Recuperaremos nossas antes orgulhosas terras/Pela mira de nossas armas”.¹⁵ As armas, parte do fetiche militar fascista (TEIXEIRA DA SILVA, 2000), parecem a solução para uma velha questão: a do território, seja ele doméstico ou não. Esta questão, como já pontuado, está no cerne do colonialismo imperialista praticado pelos EUA e pelos nazistas, cada um à sua maneira.

O racismo fascista, de um modo geral, busca substituir a luta de classes e legitimar a destruição da alteridade em nome do progresso e da união nacional, sendo a nação traduzida como um ente que concentra a superioridade da raça, em especial no caso do nazismo. Neste sentido, promove o que Paxton (2007) destacou como uma “corrida darwinista”.¹⁶ Este princípio, no entanto, já existia antes do nazismo e fazia parte de políticas de Estados ditos democráticos: os impérios europeus do século XIX. A diferença é que esse

15 ANGRY Aryans. North of 8 mile. In: Too white for you. Detroit: Tri-State Terror, 2002, faixa 02. Tradução nossa.

16 As primeiras teorias sobre o chamado “darwinismo social” surgiram na segunda metade do século XIX nos Estados Unidos, no Reino Unido e em boa parte da Europa Ocidental. Tinham como base a transposição da teoria da seleção natural de Darwin para a sociedade, descrevendo o uso dos conceitos de luta pela existência e sobrevivência dos mais aptos para justificar o racismo. Essas teorias acabaram por fundamentar a eugenia, o nazismo e a perseguição às etnias consideradas inferiores (Paxton, 2007).

princípio se tornou, a partir dos fascismos, mais amplo e aberto. No caso dos EUA, país fundamentalmente liberal e capitalista, as ideias de livre iniciativa e de competição meritocrática tão institucional e culturalmente difundidas certamente abriram espaço para a “corrida darwinista” dos fascismos (GROSS, 1980).

Igor Lapsky (2014, p. 91) comenta como, nos EUA, há uma tendência ao conservadorismo por uma parte da população que “se mostra na história do país, pois todas as crises que ocasionam problemas econômicos e sociais” acabaram fazendo “com que a população fortalecesse os movimentos conservadores”. É o que tem ocorrido no país atualmente. E se, como reforça o autor, o conservadorismo é constituído por características como a “descrença na razão como guia; compreensão da sociedade como organismo vivo, impossibilitando a transferência de experiências históricas; e uma aversão a mudanças abruptas” (LAPSKY, 2014, p. 95), então o racismo aparece como uma das expressões disto.

O uso das armas mencionado na música sublinha uma força a mais nessa corrida contra o estabelecimento do “outro” e, é claro, a favor da preservação nacional-racial. Além disso, obviamente sugere também o morticínio. A vítima desse morticínio, como o leitor já deve supor, é o “outro”, o não-germânico, não-estadunidense ou, resumidamente, o não-branco. Logo, temos argumentos para afiançar que aqui a idealização da nação passa pela necessidade de ação. Essa ação é sugerida constantemente: “Saia de cima do muro, homem branco/É hora de chutar alguns traseiros/ Pulverize os negros, destrua a porra dos viados/Pegue um porrete e derrube um judeu babaca/Deixe sua carcaça *kosher* pálida”¹⁷, diz a banda *Angry Aryans*, em *Aryan Rage*. Além dos não-brancos, os sujeitos que não aderem a uma heteronormatividade conservadora são atacados em um convite à violência.

Ao mesmo tempo em que as visões de mundo aqui elencadas dão continuidade a expressões próprias do nazismo dos anos 1930-40, também buscaram discursos que pudessem “parecer tão familiares e reassseguradores aos americanos quanto a linguagem e os símbolos do fascismo original eram familiares e reassseguradores para muitos italianos e alemães” (PAXTON, 2007, p. 330). Na Alemanha, uma sociedade na qual o antissemitismo era sobrestante na primeira metade do século XX, converter os judeus em bode expiatório não foi tarefa difícil para os nazistas, apesar de todo empenho despendido pelo *Reich*. O terreno para isso vinha sendo preparado desde o

17 ANGRY Aryans. Aryan Rage. In: Racially motivated violence. Detroit: Tri-State Terror, 1999, faixa 02.

século anterior (ELIAS, 1997). Assim, em uma sociedade essencialmente cristã e branca como os EUA, os negros e os judeus, bem como outras etnias que vieram a se tornar vítimas convenientes pela sua presença numerosa, acabaram atirados a um mesmo rol de inimigos.

A presença do “inimigo” interno leva ao sonho de sua destruição. Isto, por sua vez, coaduna-se com o ímpeto de conquista, expansão e, finalmente, proteção nacional típico do nazismo. Vejamos a música *My Dreamland*, da banda *Extreme Hatred*: “Caminhando e sonhando com uma terra distante/ Onde os brancos orgulhosos dão as mãos/Lá não há medo, pois a paz reina/ Liberdade para todos os brancos é a conquista da Terra dos Sonhos”.¹⁸ Que “terra distante”? Com que terra sonham os compositores? Podemos sugerir ser um passado idílico, geralmente resgatado pelos fascismos para dar sentido ao presente como um modelo a ser resgatado. É também possível que “distante” não se refira à geografia, mas à dificuldade de realização. Fora do campo da especulação, a única certeza está na continuidade de um ideário expansionista, irresistivelmente colonialista, para o qual o extermínio do inimigo parece indispensável.

O colonialismo implica na guerra para a conquista, na agressão, na destruturação da cultura alheia e finalmente na exploração, seja ela econômica ou de qualquer outra natureza. É, como já destacamos, parte considerável da força motriz do imperialismo para o qual o nacionalismo é um combustível. O racismo é um dos eixos de conexão entre estes variados sistemas de ideia, que se complementam e se retroalimentam. No afluxo dessa exploração, para a qual a questão racial possui grande relevância, existe o esforço conjunto e calculado para a transformação dos dominados em sujeitos desprezíveis, sobre os quais o terror do genocídio tem constantemente recaído - foi o caso dos judeus na Europa, durante o nazismo. Onde quer que os alemães ocupassem e explorassem, esses sujeitos logo eram vitimados.

Considerações finais

Em 2025, o republicano Donald Trump assumiu o governo dos EUA para um segundo mandato, após sua primeira administração ser interrompida em 2020 quando não conseguiu se reeleger, por ter sido derrotado pelo

¹⁸ EXTREME Hatred. *My Dreamland*. In: *Have a nice day*. California: Independent, 1997, faixa 06.

democrata Joe Biden nas eleições presidenciais. À época, Trump recusou-se a aceitar o resultado das urnas e incitou seus aguerridos apoiadores a invadirem o Capitólio, no dia seis de janeiro de 2021, buscando intervir nos procedimentos de formalização do novo governo. Ainda mais radical em sua agenda anti-migratória, intervencionista e persecutória, Trump assumiu também uma postura mais abertamente imperialista em sua segunda passagem pela Casa Branca, sugerindo ações militares para tomar o Canal do Panamá e até países próximos e independentes, como a Groelândia e o Canadá. Recentemente, militares estadunidenses atacaram a Venezuela e raptaram o presidente Nicolás Maduro. Além disso, participam ativamente dos ataques conjuntos com Israel ao Irã.

Em meio a um clima de recessão econômica iminente e de uma inflação aguda, acentuada pela guerra tarifária aberta contra países historicamente parceiros como Canadá, Brasil e México; bem como contra adversários conhecidos, como a China, as declarações de Trump ecoam discursos de superioridade racial e nacionalismo extremista. No bojo disso, a criação do *Department of Governmental Efficiency* (DOGE), liderado pelo bilionário Elon Musk (um dos mais importantes financiadores da campanha de Trump), somou-se às muitas controvérsias da administração. Por um lado, porque diversos analistas creem em uma influência desmedida dos interesses de Musk no governo por meio do DOGE enquanto esteve no cargo, tendo ele conquistado um papel importante na administração mesmo não tendo sido eleito pela população. Por outro, pois Musk chamou a atenção da opinião internacional por cumprimentar o público com o que pareceu uma saudação fascista, no evento de inauguração do governo Trump.

Quase três meses após iniciado o segundo mandato de Trump, o jornalista Jesse Watters, da *Fox News* – empresa mais fiel ao presidente entre as que compõem os grandes conglomerados televisivos tradicionais –, declarou que tomar a Groelândia, ou qualquer outro país, seria um favor concedido pelos EUA. Ele argumentou que o Japão sofreu com duas bombas atômicas e saiu de “território insignificante” para potência econômica internacional em poucas décadas, com apoio estadunidense. Com essas palavras, Watters afirmou que, às vezes, é necessário queimar uma ponte para construir outra. Por fim, declarou que Donald Trump é um líder estimado, cujos esforços para perpetuar o Destino Manifesto não são apenas visíveis, mas necessários.¹⁹

O fato é que Trump, Musk e a boa parte dos membros da extrema-direita em geral defendem ideias muito semelhantes às defendidas por alas

19 WATTERS, Jesse. “Trump is tapping young talent to make this the ‘American century’”. Fox News, 28 mar. 2025. Disponível em: <http://foxnews.com/video/6370714458112>.

consideradas mais radicalizadas desse espectro político, como é o caso dos nazistas ou dos nacionalistas cujo apego a doutrinas supremacistas são evidentes. Embora nem o presidente, nem seus parceiros ou mesmo seus militantes necessariamente apresentem-se todos como nazistas, ou façam uso da simbologia nazista, ou mesmo possam ser, de fato, classificados como nazistas, eles defendem uma “América para os americanos” e constantemente acionam o ideário imperialista e colonialista como referência, além de frequentemente definirem inimigos nacionais úteis a intenções autoritárias. Isto tem gerado uma aproximação que facilita o crescimento de ações nazistas, pois os indivíduos interessados em praticá-las se sentem à vontade para tanto. Os discursos se coadunam. Basta relembrarmos o caso do comício em Charlottesville, já sublinhado neste artigo. Não é coincidência que ele tenha ocorrido justamente quando o país era governado pela administração mais autoritária do país desde os anos da Guerra Fria.

O atual cenário de deterioração da antiga hegemonia internacional estadunidense – ou, como alguns podem dizer, da queda gradativa do império norte-americano – favorece discursos como os de Trump, para o qual a grandeza dos EUA depende do resgate de uma identidade, de sua expansão e de sua força (inclusive militar) internacional. No caso dos nazistas, esse resgate depende do brutal extermínio dos inimigos. E, como argumentamos sobre a tranquilidade com a qual esses indivíduos agem sob governos autoritários, é notável o crescimento de ataques aos “antípodas” da nação por eles idealizada. O nazismo tem sido uma preferência crescente para muitas pessoas no atual contexto.

Consideramos importante destacar que as guerras iniciadas ou apoiadas pelos EUA no chamado Terceiro Mundo, como no Vietnã, Coreia e Timor Leste, durante a Guerra Fria; bem como as intervenções militares na América Latina na segunda metade do século XX, além da Guerra do Golfo, são de suma importância para pensarmos a influência de uma ideologia racista norteadora de ações do país em diferentes contextos. Tais intervenções são objetiva e premeditadamente pensadas, pois os alvos são frequentemente territórios nos quais são verificadas ameaças aos privilégios das elites brancas submetidas ou associadas aos interesses estadunidenses. Mesmo que a questão racial não seja o motivador mor das incursões, ela está historicamente entrelinhada em tais ações. Nelas estão embutidas, também, a antiga e já mencionada crença no Destino Manifesto.

Essa doutrina, mesmo que não exerça mais a mesma influência de antes, permaneceu de forma fragmentada na mentalidade estadunidense e em suas instituições. Ao longo do século XX, ela se fez presente nas justificativas para as imposições dos EUA sobre a América Latina e outras

regiões, em especial durante a Guerra Fria, mesmo que em um novo formato. Estivessem os governos estadunidenses convictos da sua predestinação divina ou imbuídos de interesses econômicos, as intervenções ocorreram. E elas somente foram possíveis pela existência de uma forte convicção nacional sobre essa necessidade, muitas vezes amparada no entendimento sobre a “vocação” do país em espalhar seus valores pelo mundo. Ademais, as intervenções dos EUA em nações da Europa Ocidental são raras, para não dizermos inexistentes. Ainda que não seja possível generalizar, é correto afirmar que essa convicção na superioridade pode, ainda hoje, ter um respaldo social considerável, resultando de esforços para a prática do imperialismo mesmo que numa dimensão mais modesta. Entre os nazistas estadunidenses, essa convicção nunca desapareceu.

Longe de nosso propósito afirmar que os estadunidenses possuem uma pré-disposição ao nazismo; se demos a entender que sim, precisamos reforçar que não foi nossa intenção. Desejamos, sim, mostrar como elementos culturais presentes nos EUA – a saber: uma mentalidade supremacista, ímpetos imperialistas e comportamentos colonialistas – permitem explicar os diálogos possíveis entre esses elementos culturais e a visão de mundo nazista, que por essa razão encontrou forte aderência naquele país. Também não foi nossa intenção dizer que a crença dos estadunidenses em sua superioridade inata e em sua vocação para civilizar outros povos, seja hoje tão presente quanto era no século XIX ou início do XX. Porém, foi sim nossa intenção argumentar que os efeitos ou a continuidade dessas ideias, mesmo que de forma menos acentuada e mais diluída, ainda servem de referência. Sem sombra de dúvidas, é uma referência para os nazistas estadunidenses.

Temos, portanto, imbricações entre um modelo preponderante de nacionalismo estadunidense e o modelo nazista. Existe uma consonância na forma como o nacionalismo mobiliza ideias e comportamentos imperialistas nos dois casos. Indiscutivelmente, ambos são balizados por premissas racistas que possuem suas singularidades, impostas pelos contextos alemão e estadunidense, mas cuja origem parece ser a mesma: um passado idílico, irrecuperável, mas desejado; pelo qual se luta, como para tornar uma utopia real, e por vezes se satisfaz no domínio, mesmo que temporário, de outros povos e territórios. Não defendemos comparar a cultura estadunidense à nazista, mas exprimir como crenças nacionalistas podem convergir e causar efeitos semelhantes, pois organizam desejos consonantes.

Outra conclusão importante é a diluição do extermínio, consubstanciado no Holocausto, mas agora articulado a uma violência redentora fragmentada. O Holocausto não saiu da mente dos nazistas, mesmo daqueles que estão a um oceano de distância do berço do nazismo, do cenário

onde o extermínio ocorreu. Contudo, ele agora se manifesta de outras formas: seja pela exaltação do Holocausto em si, seja na sua referência em outros modos de extermínio, destinados a outros inimigos convenientes dos nazistas posteriormente ao fim da Segunda Guerra Mundial.

O rock fascista recupera esse passado. Faz com que ele resista em um tempo posterior. Permite a continuidade de sua herança, especialmente o ódio racial e o massacre como alternativas para estabelecer impérios colonialistas ou ideias imperialistas. Além disso, o rock fascista é uma ponte entre adeptos de uma direita mais “moderada” e a direita radical. Afinal, dos dois lados existem ódios compartilhados, notadamente o ódio racial. Com isto, a música é um instrumento profícuo à diminuição das barreiras ainda eficazes em entravar a disseminação dos fascismos. Como no passado, pode emergir para somar-se aos esforços de organizações e representantes fascistas, sobretudo na constante busca pelos mais jovens. Diferentemente dos anos 1990 e começo do século XXI, o rock fascista tem na internet um meio eficaz de disseminação.

Referências bibliográficas

AGOSTINO, Gilberto. O século XX e a experiência da “guerra total”. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. T. (Org.). *O século sombrio: uma história geral do século XX*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004, p. 239-259.

BARKUN, Michael. *Religion and the racista right: the origins of the Christian Identity Movement*. North Carolina: University of North Carolina Press, 1994.

BELL, Leland V. The failure of nazism in America: the German American Bund, 1936-1941. *Political Science Quarterly*, vol. 85, n. 04, 1970, p. 585-599.

BERTONHA, João Fábio. *Sobre a direita: estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo*. Maringá: Editora UEM, 2008.

CLEY, Catrine. *Master race: the Lebensborn experiment in nazi Germany*. New York: Hodder & Stoughton Ltd., 1995.

ELIAS, Norbert. *Os Alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FERRO, Marc. *A colonização explicada a todos*. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

FREEDMAN, Lawrence; KARSH, Efraim. *The Gulf Conflict 1990-1991: diplomacy and war in the New World Order*. New Jersey: Princeton University Press, 1993.

GAY, Peter. *O cultivo do ódio*. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HILDEBRAND, Klaus. *The foreign policy of the Third Reich*. Berkeley; Los Angeles; University of California Press, 1973.

HILLGRUBER, Andreas. *German and the two World Wars*. Cambridge: Harvard University Press, 1981.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORNE, Gerald. Race from power: U.S. Foreign policy and the general crisis of “White Supremacy”. In: HOGAN, Michael J. (Org.). *The ambiguous legacy: U.S. foreign relations in the “American Century”*. New York: Cambridge University Press, 1999, p. 302-336.

HUNTINGTON, S. *O choque de civilizações e a recomposição da Nova Ordem Mundial*. São Paulo: Editora Objetiva, 1997.

HUNTINGTON, Samuel. *Who we are? The challenges to America’s national identity*. New York: Simon & Chuster, 2004.

KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LAPSKY, Igor. Tea Party: A direita em luta pela “liberdade”. In: SCHURSTER, Karl et al (Orgs.). *Velhas e novas direitas: A atualidade de uma polêmica*. Recife: EDUPE, 20114, p. 91-97.

LAQUEUR, Walter. *Fascism: past, present and future*. New York: Oxford University Press, 1996.

LEVITAS, Daniel. *The terrorist next door: the militia movement and the radical right*. New York: Thomas Dunne Books, 2002.

MUNHOZ, Sidnei J.; SOUZA, Mérite de. Fundamentalismos e verdades: história política e subjetividade no Tempo Presente. *Diálogos* (Maringá), vol. 16, n. 02, mai./ago. 2012, p. 601-626.

MORRISON, Michael A. *Slavery and the american west: the eclipse of Manifest Destiny and the coming of the Civil War*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. *Juventude e contracultura*. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

NELSON, Jack. *Terror in the night: the Klan's campaign agiants the jews*. New York: Simon & Schuster, 1993.

OLIVEIRA, Pedro Carvalho. *O som do ódio: uma história do rock neofascista e dos neofascismos no tempo presente*. Curitiba: Editora CRV, 2018.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz & Terra, 2007.

SALAS, Antonio. *Diário de um skinhead: um infiltrado no movimento neonazista*. São Paulo: Planeta, 2006.

SCHLEE, Günther. *Imagined differences: hatred and the construction of identity*. Hamburg: Lit Verlag, 2002.

TAYLOR, Stan. *The National Front in English politics*. London: MacMillian, 1982.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Os fascismos. In: ARÃO REIS, Daniel Arão et al. (Orgs.). *O século XX: o tempo das crises – vol 02*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 109-164.

TEIXEIRADASILVA, Francisco Carlos. Sobre os tribunais no Terceiro Reich. Os fascismos e ditaduras: o que ainda há para estudar? In: SCHURSTER, Karl et al (Orgs.). *Velhas e novas direitas: a atualidade de uma polêmica*. Pernambuco: UPE, 2014, p. 28-48.

THURLOW, Richard. *Fascism in Britain: a history (1918-1985)*. Oxford: Blackwell, 1987.

TOYNBEE, Arnold J. *Civilization on Trial*. Oxford: Oxford University Press, 1948.

WISTRICH, Robert S. *Hitler and the Holocaust*. New York: Random House, 2002.